

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXIII Volume

Redacção e Administração
Travessa do Convento de Jesus, 4

20 de Dezembro de 1910

Composto e Impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 77

N.º 1151

A entrega das credenciaes do Ministro da Argentina



O SR. D. BALDOMERO G. SAGASTUME SAHINDO DO PALACIO DE BELEM

CHRONICA OCCIDENTAL

Já se fala na grêve das creadas de servir, e a chronica declaradamente se põe ao lado de taes grévistas, arrostando com todos os perigos que a faz correr a lei do Sr. Brito Camacho. Instigá-las á grêve, não; mas quanto a dar-lhes razão desde que ellas têm uma tal attitude, contem conosco. Pois então?!

Não falta quem diga não haver já hoje creadas de servir como as que havia noutro tempo. E tambem não falta quem se admire d'isto. Os tempos mudam, tudo muda com os tempos, e com elles a creada tem mudado. Começa a gente por queixar-se agora de que ellas não param nas casas, havendo casas onde a creada já não passa mais de dois meses, e chegando até a haver outras onde não ha um mês em que não passem por lá duas creadas. Pois quando é que nós, patrões, paramos agora na nossa propria casa? Nunca, ou quasi nunca. Cada um de nós, pelo menos (mas menos eu), temos quatro, cinco, seis empregos; e comquanto nem seja sempre para os empregos que vamos, dizemos sempre, quando saímos de casa, que vamos para os empregos. Temos uns poucos de empregos, porque nos pozemos em habitos de gastar por anno uns poucos de contos de réis. Noutros tempos, não era o mesmo. Havia menos em que gastar, gastava-se menos; e muito menos se precisava ganhar. Não havia, portanto, essa rasão a dar em casa para o andar sempre por fóra.

As mulheres d'aquelles que assim desataram a acumular empregos, vendo-se sem ensejo de se encontrar em casa com os maridos, começaram a vir para a rua, a ver se conseguiam pôr-lhes a vista em cima, e collier d'elles um ar de sua graça. E assim se chegou á perfeição de, muitas vezes, voltar o marido para casa á hora do jantar, e ter de esperar pela esposa, que ainda anda por fóra — a ver se encontra o marido!

Evidentemente, se nós, donos de casa, não paramos em casa, como havemos de querer que só as creadas parem nellas?

Depois, de cada vez que ellas nos pedem licença para ir visitar uma tia, ou para ir saber de uma prima, ou para ir ver uma senhora em casa de quem já serviram, ahí damos nós por páus e por pedras contra o máu séstro em que se pozeram as creadas de já não lhes bastar, para o esparecimento, uma tarde de domingo em cada mês!

Noutro tempo, quando toda a gente sabia o valor ao dinheiro, e, sem o desbaratar, gosava a existencia como melhor podia, não era preciso ser-se muito rico para se poder ter duas creadas, uma para fazer a cozinha, outra para o serviço de fóra; e um creado de mesa e de recados. Ninguém sonhava ainda com os tramways electricos, nem sequer com os carros americanos, nem com os comboios rapidos de Cintra e de Cascaes. E só quem de todo em todo não podia é que não tinha o seu trem, sua boa sege ou tipoia. Ter trem importava ter cocheiro — e não raro se via sahirem da mesma casa, no mesmo dia, e para a mesma igreja, dois noivados juntos num cortejo só: a cozinheira com o cocheiro, o creado de mesa com a creada de fóra. A's vezes, se Deus era servido, ás alegrias da boda juntava-se o baptisado.

Os marmanjos que assentavam praça e vinham dar o seu giro, desde a Cova da Moira até ao Passeio Publico a olhar para as janellas, á cata de derriço, apanhavam uma dôr no pesçoço, lá uma vez por outra com alguma vidraça na cara — e mais nada. Andavam todas tomadas. Só os porta-machados, de que já pouca gente hoje se lembra, é que tinham ainda assim um pouco de sorte com as creadas de servir, por causa das barbas, coisa que ellas nunca tinham sentido em cara de cocheiro ou de creado de mesa, e que as picava na curiosidade.

Quem poderia passar toda a vida mettido entre as quatro paredes de um predio da Baixa, sem nunca ser senhor de pôr o pé na rua, nem de olhar para cima e só vêr o ceu? Ninguém. Pois ninguem deve querer para os outros aquillo que para si não queira. As nossas creadas são gente, como nós. Precisam ar, têm direito ao ar, exigem ar.

Nos tempos em que ainda existia o Passeio Publico, de que ainda ha instantes falei, não havia madama que ousasse saír de casa a dar o seu passeio, pagar sua visita, fazer uma volta pelas lojas de modas, sem se fazer acompanhar pela sua creada, em passo lento, um passo atrás.

E não era só a vizitas, ás lojas de modas e ás igrejas, que as creadas acompanhavam as amas. Levavam nas as amas ao theatro se iam ao theatro, ao



O GOVERNO PORTUGUÊS COM OS SRs. MINISTRO E CONSUL DA ARGENTINA E COMANDANTE FELIX A BORDO DA FRAGATA «PRESIDENTE SARMIENTO»

circo se iam ao circos, ao Passeio Publico se era ao Passeio Publico que iam.

Veiu depois a moda de saírem as senhoras sós á rua, e pela rua andarem todo o dia sós, e a creada ficou em casa. Estranhou. Não gostou. Faltou-lhe o ar, e quem soffre de faltas de ar não sabe já o que é socego. Entrou com ella o desasocego. Num domingo em que os patrões tinham resolvido ir passar o dia fóra de portas e se preparavam para a deixar ficar sósinha em casa, ella sentiu-se mais afflicta, uma coisa que subia por ella acima parecia que a suffocava, e declarou que ou os patrões lhe davam licença para sair tambem, ou em chegando o fim do mez se iria embora. Disseram-lhe que sim, que podia sair, acharam até que era muito rasoavel que ella tambem saísse.

Depois d'esse dia, nunca mais Deus deitou um domingo ou dia santo á terra, sem que a creada de Lisboa pedisse licença para ir dar o seu passeio. «Eu cá, minha senhora — dizem agora todas ellas mal nos põem o pé em casa — sou muito franca: domingos e dias santos é para ir ver o namôro!» Quem quizer queira, quem não quizer não queira.

Outra pécha que muito se nota agora nas creadas é o metterem a unha nas compras. O caso não tem desculpa, mas tem tambem, como tudo o mais, sua razão de ser. D'antes, as senhoras que tinham creada era á creada que davam todos os seus vestidos que haviam passado de moda, todas as suas botinas roídas nos saltos, todas as suas velhas rendas e todos os seus velhos fichus. A creada ganhava dezoito tostões líquidos, que se metiam no fundo do bahu no fim de cada mês, e que no fim de cada anno sommavam vinte e um mil e seiscentos. Agora, sim! Agora, as patroas arrecadavam tudo a sete chaves, e de tempos a tempos mandam-no vender a outras senhoras elegantes, em segunda mão.

Como ha de pois a creada andar vestida com decencia, e calçada com decencia, para não envergonhar os amos, se em tróca do muito que lhe davam para o seu arranjo apenas lhe augmentaram cinco tostões no ordenado?

Não, patrões, não! A vossa creada não é uma escrava, sujeita sem defeza a todas as impertinencias e a todas as explorações. Se ella vos não convém, despedi-a. Se não, trata-a com mais alguma bondade, mais alguma generosidade, e mais alguma estima. Ponde em um dos pratos da vossa balança de cozinha as exigencias que tendes para com a creada que vos serve, e no outro o pago que lhe daes e as queixas que tendes d'ella; e vereis se o peso está certo, á semelhança do que poderíeis fazer com a carne que vos vem do talho ou o assucar que vos vem da mercearia.

Não, patrões, não! O prato onde pizerdes as vossas exigencias será sempre o que irá mais para baixo, porque d'esse lado é que estará o

maior peso. Diligenciae estabelecer o equilibrio do fiel da balança, e tereis encontrado a melhor de todas as creadas do mundo, a mais servil, a mais resistente, a mais sóbria, a mais conformada com a sua sorte — que é ainda a creada portugueza.

JOÃO PRUDENCIO.



A entrega das credenciaes do ministro da Argentina

Com toda a solemnidade official, realisou-se, em o dia 10 do corrente, no palacio de Belem, a cerimonia de entrega das credenciaes, que acreditam o sr. D. Baldomero Garcia-Sagastume, ministro da Republica Argentina junto do governo portuguez.

Foi a Republica Argentina a segunda potencia a reconhecer definitivamente o governo provisório da Republica Portuguesa, como tambem foi das primeiras a entabolar relações com o mesmo governo logo que se proclamou o novo regimen, por intermedio do sr. Sagastume, ministro daquelle Republica, já residente em Lisboa ao tempo do antigo regimen, e que muito tem concorrido com a sua boa diplomacia para o maior estreitamento das relações de amizade e de commercio entre os dois paes.

O governo da Argentina, proseguindo nas suas relações com o novo governo portuguez, afirmou, pela boca do seu ministro ao apresentar as suas credenciaes, o proposito em que está de que: «os laços politicos que felizmente ligaram e ligam a Republica Argentina a Portugal se estreitem ainda mais, se tanto é possível. Os multiplos e grandes interesses de ambas as nações, que estão destinadas a promover, num futuro proximo, um desenvolvimento mais ativo do intercambio commercial argentino portuguez, concorrerão seguramente, para robustecer tão preciosos vinculos.»

O governo portuguez por sua parte está animado das mesmas intensões, como exprimiu o sr. presidente dr. Teofilo Braga no discurso em resposta ao representante da Argentina.

As relações de Portugal com a antiga Republica de Buenos Ayres datam de seculos, desde que para ali foram portuguezes e constituiram colonia, que nos ultimos annos muito se tem desenvolvido, a travéz de todas as vicissitudes por que tem passado aquelle país.

Hoje, a Republica Argentina é das mais prosperas da America do Sul (1), e a sua capital, Buenos Ayres, é uma cidade que, a par do ex-

traordinario movimento do seu commercio, oferece ao visitante os mais lindos aspetos em que a natureza e a arte se completam, principiando pelos caes de desembarque que são jardins povoados de monumentos, estatuas e fontes ornamentaes, como a de Lola Mora que é uma belesa; largas avenidas e ruas com palacios sumptuosos, registando aquellas nomes de paes como Peru, Venezuela, Estados Unidos, Mexico, Chile e outros, assim como nomes de celebridades historicas, batalhas e dos grandes autores: Victor Hugo, Dante, Mozart, Molier, Lopo Vega, etc., no que se revela a illustração daquelle povo que tão grande culto dedica ás ciencias, como ás artes e ás letras personificadas nos seus mais celebres cultores.

A maior avenida da cidade, a de Rivadavia, tem a estensão de 15 kilometros, o movimento, porém, da população tem augmentado tanto, que ultimamente foi aberta uma outra junto á de Rivadavia, que denominaram avenida Maio e é agora o ponto de reunião da sociedade elegante. Esta nova avenida ostenta magnificos palacios que são monumentos arquitetonicos, onde estão estabelecidos clubs, hotéis, cafés, armazens de modas, de automoveis, ourivesarias, de tudo, emfim, que constitue luxo e riqueza.

Tem, nem menos, de tres teatros liricos onde sempre funcionam companhias estrangeiras, sendo o principal, o teatro Colon, feito modernamente. Salões de concertos, teatros de comedia e de drama e um sem numero de animatografos.

A sua grande universidade, dividida em varios edificios, é frequentada por cerca de 5:000 estudantes. Possui um belo Jardim Zoologico reputado em toda a America, como o melhor, pelas especies raras que apresenta.

A religião do Estado é a catolica e catolica é a maioria da sua população, sendo o protestantismo apenas tolerado.

Depois das dissensões externas e internas que por muitos annos perturbaram a paz da Republica, e ainda o malbaratado de suas finanças, a Argentina entrou num periodo de tranquillidade e de rigorosa administração, que lhe tem permitido o grande progresso em que se encontra, desenvolvendo a sua riqueza publica.

Tudo isto vem elucidar nossos leitores sobre a Argentina, a florescente Republica que hoje procura ativar as suas relações com Portugal, de que é irrefragavel prova a prontidão e zelo com que reconheceu a nascente Republica Portuguesa.

E' certo que o governo portuguez procura bem corresponder a essas provas de complacencia, não só tendo em vista os interesses reciprocos das duas potencias, mas tendo para com a nação Argentina todas as considerações de que é digna, como se vê do carinho com que recebeu agora, o que allaz de outras vezes tem succedido, a sua marinha representada na corveta *Presidente Sarmiento*, ha dias entrada no Tejo.

(1) No XIV vol. do Occidente, anno de 1891, encontram-se artigos e gravuras relativos a Buenos Ayres, a pags. 251, 259 e 267.



NO ALMOÇO OFFERECIDO PELOS OFFICIAES DA MARINHA PORTUGUEZA, NA SALA «ALGARVE» DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA, Á OFFICIALIDADE DA FRAGATA «PRESIDENTE SARMIENTO» PRESIDE AO ALMOÇO O SR. MINISTRO DA MARINHA, TENDO Á DIREITA O SR. D. BALDOMERO GARCIA SAGASTUME, MINISTRO DA ARGENTINA E Á ESQUERDA O COMANDANTE SR. FELIX

Entre as demonstrações afetuosas feitas aos officiaes argentinos, foi-lhes oferecido um almoço, pelos officiaes da marinha portugueza, na Sociedade de Geografia, a que presidiu o sr. ministro da marinha, comparecendo tambem os srs. ministros das finanças, dos estrangeiros, da justiça e da guerra, além do sr. ministro da Argentina, comandante da *Presidente Sarmiento* sr. Feliss e mais officialidade, etc.

Os brindes foram iniciados pelo sr. ministro dos estrangeiros, dr. Bernardino Machado, que num breve discurso fez o elogio da Republica Argentina e saudou a sua marinha ali dignamente representada. Este brinde bem como os mais que se seguiram foram affectuosamente correspondidos entre aplausos e *hurrahs*.

Outras festas se seguiram como um banquete e baile oferecido pelo sr. Sagastume, ministro da Argentina, e uma *matinée* a bordo da *Presidente Sarmiento*, em que foi oferecido um almoço aos membros do governo portuguez.



DR. BRITO CAMACHO

Novo ministro do Fomento

Pela saída do sr. dr. Antonio Luis Gomes do ministerio do fomento, em consequencia de ter sido nomeado ministro de Portugal junto ao governo na Republica dos Estados Unidos do Brasil, como referimos em o numero anterior desta revista, entrou para aquella pasta o sr. dr. Brito Camacho, uma das mais distintas individualidades democraticas que nos ultimos tempos se afirmou, quer na imprensa quer no parlamento.

O sr. dr. Brito Camacho, antigo medico militar, de que se demitiu para mais livre e desassombradamente seguir as suas ideias politicas, revelou seus superiores dotes de jornalista, primeiro como redator da *Patria* e depois ao lado do dr. João de Menezes como director da *Lucta*, jornal mais considerado do partido republicano, tanto pela doutrina de seus artigos como imparcialidade e bom criterio.

Sem preocupações de popularidade, elle tem, comtudo, sabido advogar a causa do povo, na imprensa e no parlamento como deputado por Beja que foi na ultima legislatura, tendo sido reeleito para a ultima camara, que não chegou a funcionar.

Na sua qualidade de medico militar, conhece proficientemente os assuntos ligados a esta profissão, assim como os de agricultura que tem estudado.

Disto tem dado provas na imprensa e no parlamento, com a firmeza e convicção de quem sabe, resultando sempre da sua escrita ou da sua palavra alguma cousa de util.

Escrevendo do sr. dr. Brito Camacho diz um seu biografo:

«Ninguem, que eu saiba, consegue dominar o dr. Brito Camacho, a não ser no campo da demonstração clara e irrecusavel. Neste campo surge o homem no fulgor de toda a sinceridade, com o natural aspeito da lealdade mais segura.

Discute. Se o convencem, logo se fica sabendo que será fidelissimo á sua convicção; ou não se convence e fica se sabendo que não altera uma linha nos seus propositos. E' um homem claro a que ninguem ilude o dr. Brito Camacho. Jamais oculta os seus pensamentos, e, quer fira, quer agrade, ninguem o arredará da conduta que a si proprio se impoz, sempre norteado por delicado criterio.»

A Republica teve nelle um dos seus mais valiosos auxiliares, como propagandista e, vencida a causa nelle encontra tambem um homem de governo, calmo a ao mesmo tempo forte, para deliberar consciante e ciente.

Não foi sem difficuldade que o sr. dr. Brito Camacho aceitou a pasta de ministro, pois não estava no seu animo aceitar cargo algum publico, no momento em que tantos caudilhos da Republica a isso aspiram, mas a necessidade de aceitar a pasta do fomento impoz-se e elle cedeu, sem desconhecer as difficuldades com que vae arcar.

Concurso de pensionistas do legado Valmôr

Estiveram expostas ao publico, na Academia de Belas-Artes, de Lisboa, as provas dos discipulos da mesma Academia, concorrentes ás pensões do legado Valmôr, para estudarem no estrangeiro.

As provas eram de pintura historica e de escultura, sendo três os concorrentes á primeira, cujo ponto era, *Jesus acalmado a tempestade*, em que obteve a primeira classificação o sr. Dordio Gomes.

A passagem da Vida de Jesus, em que o Divino Mestre, acompanhado de seus discipulos, se deixa adormecer sobre a barca, enquanto a tem-

utilidade pratica, na nossa época, de pontos de concurso desta natureza, que tão pouco interessam ao estudante e ainda menos o podem inspirar para as concepções de épocas mais recentes ou até das realidades da vida de nossos dias.

Sympatisamos mais com o sistema de provas adotado pela Escola de Belas-Artes, do Porto, especialmente no curso de escultura, cujos pontos versam sobre a vida real dos nossos tempos.

A parte o respeito devido á erudição historica e ao classicismo em que o sr. Francisco Franco revela um belo aproveitamento das lições que recebeu do seu professor, o insigne estatuario, sr. Simões de Almeida, autor da bela estatua da Victoria, que decora o monumento dos Restauradores, da severa estatua do Duque da Terceira, da de José Estevam no seu monumento, em Aveiro, e tantas outras manifestações de seu incon testavel talento.



TOLSTOI

O conde Leão Nicolaievitch Tolstoi, a maior celebridade litteraria depois de Victor Hugo e cujas obras estão espalhadas por todo o mundo culto, falleceu em 20 de novembro, num quarto mais que modesto da pequena estação do caminho de ferro da linha de Riasan Oural, em Astapovo, rodeado da familia e de alguns amigos que alli accorreram na ancia de assistirem aos ultimos momentos d'aquelle genio assombroso, mixto de philosopho, litterato, pedagogo e propheta.

Tolstoi, que por vezes havia sido censurado por não harmonizar os seus actos com os principios que defendia, vendo talvez avizinhar-se a hora fatal, tentou o esforço sobrehumano de abandonar, na noite celebre de 10 d'aquelle mês, a sua historica casa de Yasnaia-Poliana acompanhado do amigo intimo, o dr. Makovitzki, em busca da solidão de ha muito ambicionada. A sua mulher, intelligente companheira de quarenta e oito annos, deixou a seguinte carta de despedida, que é ao mesmo tempo um auto documento psychologico:

«Não me procureis. Eu tenho necessidade de me retirar do mundo e de tudo o que me perturba. Essas eternas visitas, esses eternos sollicitadores da minha pessoa, esses representantes de cinematographos e de gramophones que me assaltam em Yasnaia-Poliana envenenam-me a vida. E' urgente que eu me retire. Devo isso á minha alma e ao meu corpo de peccador, que viveu oitenta e dois annos neste valle de miserias. Durante trinta annos supportei a mentira mundana, a do luxo e a do conforto. Estou cansado de tudo isso e quero acabar na pobreza a minha vida infeliz.»

Resistindo aos instantes rogos da familia para que voltasse ao lar, Tolstoi errou ao acaso, decidido por fim a dirigir-se ao Caucaso, onde contava passar seus ultimos dias, quando foi surpreendido por uma pneumonia resultante d'um resfriamento, a qual lhe cortou o fio da existencia, cujo termo causou grande abalo não só em toda a Russia como no mundo inteiro, porque Tolstoi, como todos os genios, era universal.

Leão Nicolaievitch Tolstoi nasceu a 28 de agosto de 1828 em Yasnaia Poliana; era aparentado com as familias mais nobres da Russia. Ainda não tinha dois annos quando perdeu a mãe, a princesa Volkonski, ficando entregue aos cuidados de sua tia, a condessa Osten-Sacken, que o levou para Moscou. Em 1837 perdeu seu pae, e em 1844 matriculou-se nas faculdades de letras da Universidade de Kazan. Reprovado no exame final pelo professor de historia russa, seguiu o curso de direito, que concluiu em 1848 em São Petersburgo, voltando para Yasnaia Poliana, onde permaneceu até 1851, com o designio de ser util aos camponeses. Nesse anno parte para o Caucaso, na qualidade de official de artilharia, onde se conserva até 1854. Este periodo de quatro an-



DR. BRITO CAMACHO

Novo ministro do Fomento

pestade se levanta e, aterrados os discipulos, o acordam para que lhes valha, é bem realzada na composição do quadro e no colorido. A figura de Jesus destaca se lindamente com toda a serenidade de sua alma, impondo aos elementos que se acalmem, e faz sensível contraste com a confusão e o espanto em que ficam seus discipulos, ao Senhor os repreender dizendo-lhes: «não tenham de que temer estando commigo».

O quadro do sr. Dordio Gomes é uma promessa das mais lisongeiras que temos visto nestes concursos.

O mesmo se pôde dizer a respeito do baixo relevo do sr. Francisco Franco, unico concorrente á prova de escultura. O ponto era a: *Surpresa de Dion*, ponto, talvez um pouco ingrato para se tirar partido, por ser muito vago, e nada inspirativo, principalmente para um estudante. Entretanto o sr. Franco sahio se tão bem quanto o assunto o podia permitir, compondo e movimentando bem o grupo, cuja modelação é perfeita e o todo classico.

E' bem expressiva a surpresa do grande conquistador de Syracuse ao apresentar-lhe sua mulher Aristomaque, o filho de Loorienne, outra sua mulher, á qual manda matar por ter tentado envenenar a primeira.

A expressão de dôr das duas mulheres é tambem admiravelmente exteriorisada, enquanto o povo de Syracuse assiste indignado a toda aquella cena.

A nós só nos fica uma duvida a qual é sobre a

Concurso de pensionistas do legado Valmôr



JESUS ACALMANDO A TEMPESTADE — Quadro do sr. Dordão Gomes

nos constitue uma phase decisiva da vida do grande escriptor da nação russa, como lhe chamou Turguenief. Com effeito, são datados do Caucaso os primeiros trabalhos de Tolstoi, taes como *A infancia*, publicado em 1852 na revista *Sovremennik*, de São Petersburgo, *A adolescencia*, *Narração d'um voluntario*, *A manhã d'um proprietario*. Em 1854 encontra-se em Sebastopol, cujas memorias começa a escrever, sob o titulo de *Sebastopol* em dezembro de 1854, *Sebastopol* em maio de 1855 e *Sebastopol* em agosto de 1855.

Feita a paz em 1856, Tolstoi pede a demissão, voltando para São Petersburgo, dando-se o seu encontro com Turguenief, entrando no movimento litterario contemporaneo, ao lado de Gontcharof, Nekrassof, Ostrovski.

De 1856 a 1862, data do seu casamento, publicou os *Cossacos*, *Felicidade de familia*, *Polkuchka*, *Historia d'um cavallo*.

Em 1857 dirige as suas attencões para a agricultura, dedicando-se á exploração das suas propriedades. Entretanto faz a sua primeira viagem ao estrangeiro (a segunda e ultima foi em 1860, com o fim unico de visitar escolas), cujas impressões muito lhe abalaram a fé no progresso, começando desde então a sentir a necessidade de se approximar do povo, de viver e trabalhar para o povo. Yasnaia Poliana attrae-o novamente; e no seu cerebro prodigioso radica-se a idéa generosa de crear a pedagogia popular, fundando e escrevendo a revista *Yasnaia-Poliana*.

Em setembro de 1862 casou com *Sophia Andreievna Behrs*, filha d'um medico de Moscou, senhora de vasta intelligencia, como provou na carta escripta ao Synodo após a excomunhão de Tolstoi, a quem ella muito auxiliára na elaboração das suas obras, cuidando desveladamente dos seus treze filhos.

Funda a sua *escola mutua* em Yasnaia-Poliana e publica artigos pedagogicos sobre a *instrucção do povo*, *metodos de leitura e escripta*, *projecto d'um plano geral da organização das escolas populares*, *educação e instrucção*, *progresso e instrucção*.

Num labor sem descanso escreve *Guerra e Paz* (1864-1869), uma das mais notaveis obras primas de Tolstoi, cujo assumpto se filia nas condições em que se encontrava a sociedade russa no momentoso periodo de 1805 a 1815, e *Anna Karenine* (1873-1876).

Por ordem superior é fechieda a escola de Yasnaia Poliana; Tolstoi, porém, não desanima e continua a escrever para o povo e para as creanças o *Alphabete* e os *Quatro livros de leitura russa*, tão necessarios aos estrangeiros que começam o russo como aos jovens *mujiks* de Yasnaia-Poliana.

Em 1879 escreve a *Minha confissão*; essa data marca o termo da lenta evolução operada na

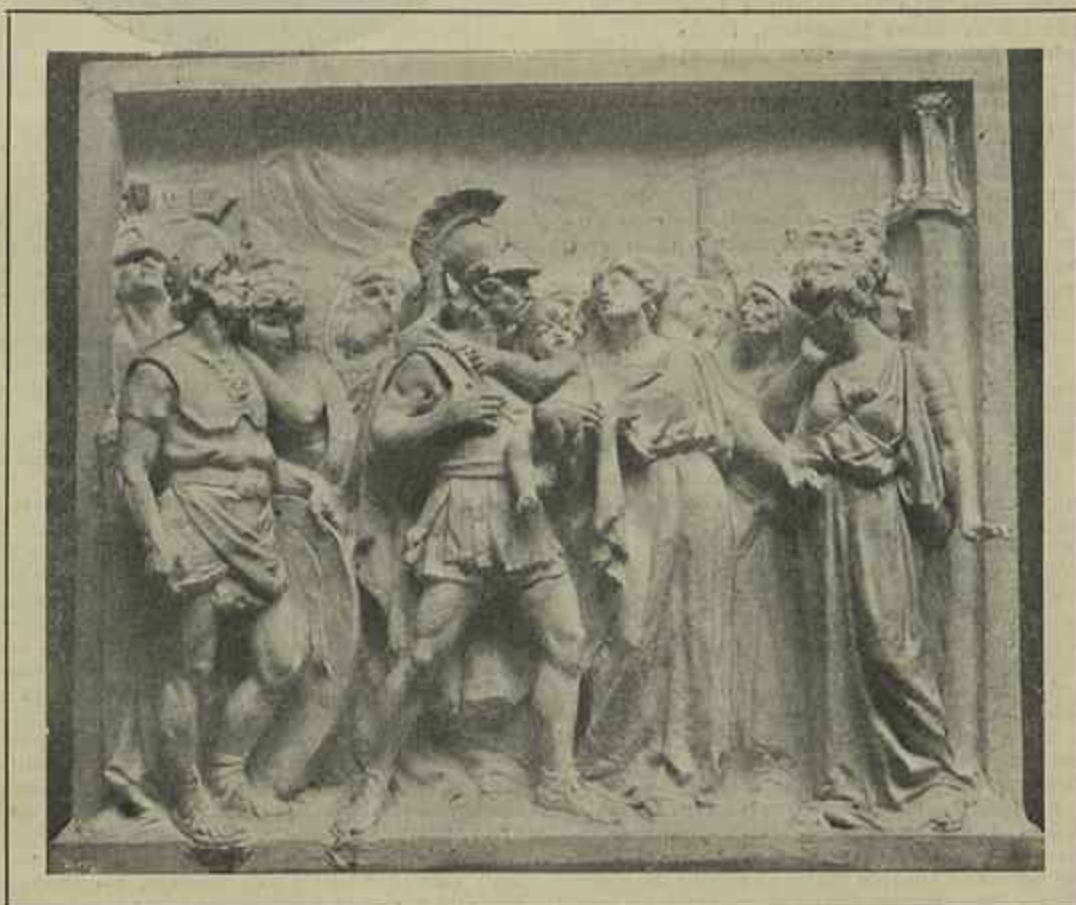
consciencia do genial escriptor desde a infancia. Ao seu espirito surge o grande problema do *porque* da vida, influenciado talvez pela propaganda de dois camponeses *Sutaief* e *Bondaref*, fundadores de duas seitas religiosas que criam na redempção do mundo unicamente pelo trabalho manual e individual, outhorgando ao Velho Testamento a supremacia sobre o Novo. Como elles, Tolstoi leu o Evangelho e seguiu-lhe os preceitos, que reduziu a cinco, que constituem a lei da vida: — 1.º Não entrar em colera; 2.º Não cometer adulterio; 3.º Não fazer juramento; 4.º Não resistir ao mal pela violencia; 5.º Não fazer a guerra. Consequentemente, não ha mais represalias privadas ou sociaes, nem tribunaes, nem exercitos.

Mas o homem, além da necessidade do *crer*, quer tambem ser feliz, e para isso deve: — 1.º Viver no campo em communhão com a natureza; 2.º Trabalhar (e o trabalho para ser deleitoso deve ser livre; para ser sadio deve ser physico); 3.º Ter mulher e filhos; 4.º Viver em communhão com os homens; 5.º Garantir, pela hygiene natural, o beneficio d'uma boa saude.

Estes principios formam a base do seu opusculo *A minha religião* (1884), que constitue por assim dizer o seu testamento moral.

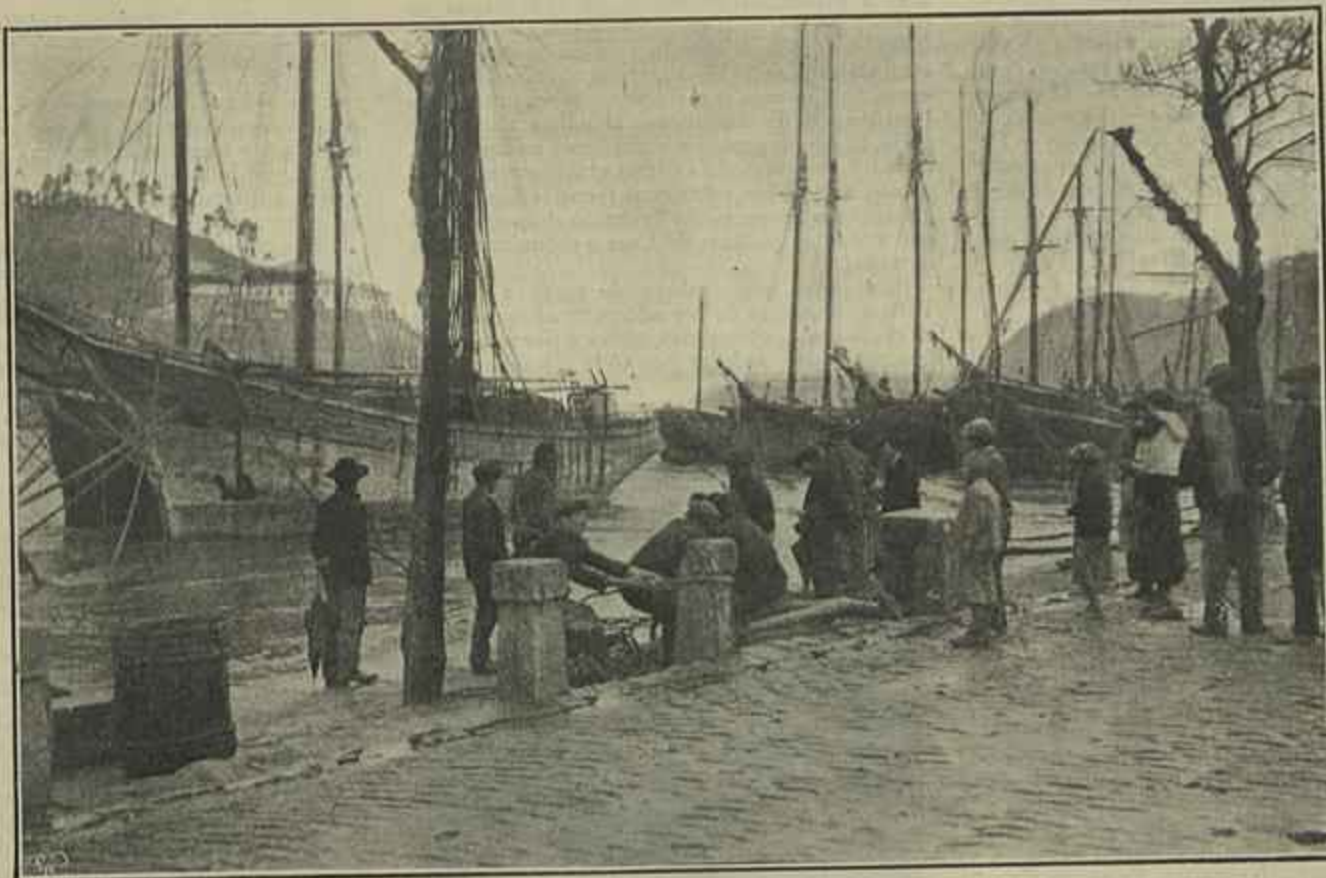
O anno de 1879 foi decisivo na vida moral de Tolstoi, pois que em 1884, escrevendo *A minha religião* dizia: «Tenho cincoenta e cinco annos, salvo os quatorze ou quinze da minha infancia, vivi trinta e cinco como nihilista, no sentido verdadeiro da palavra, isto é, não como geralmente se interpreta, socialista e revolucionario, mais nihilista no sentido de que eu era estranho a toda a fé. *Ha cinco annos que a doutrina de Christo me foi revelada* e que a minha vida, num momento se transformou; deixei de querer o que d'antes queria e passei a querer o que d'antes não queria. O que d'antes me parecera bom, pareceu-me mau; o que d'antes me parecera mau, parece me bom.»

Tolstoi abandona então os trabalhos litterarios em que vê a mais perigosa das vaidades, o que faz dizer a Turguenief moribundo, em 1883, que elle está perdido para a litteratura russa. Com effeito, durante annos, da sua penna saem apenas



A SURPRESA DE DION — Baixo relevo do sr. Francisco Franco

As cheias do Douro



No Tejo e Douro repeliram-se este inverno as cheias, que no inverno passado tantos prejuizos materiaes e perdas de vidas causaram. Com as cheias de agora sofreram muito as povoações do Ribatejo até Santarem, como sofreram as do Douro, desde a Regoa até ao Porto. Na Regoa as aguas subiram a 19 metros e 60 centimetros acima da estiagem.

O caes da Ribeira, no Porto, inundou-se completamente, tendo de fazer-se toda a passagem por Cima do Muro para a rua de S. João: Em Miragaia a agua invadiu os armazens, e no rio os navios ali ancorados correram grande risco de garrarem, pela força da corrente que chegou a atingir 10 milhas de velocidade.

Nas cheias de agora não nos consta que se perdessem vidas, embora os prejuizos materiaes sejam importantes e mais sensiveis ainda se tornem por mal restaurados estarem os que houve com as cheias do ultimo inverno.



PORTO — EM MASSARELOS REFORÇANDO AS AMARRAÇÕES DOS NAVIOS QUE VÃO À PESCA DO BACALHAU — A INUNDAÇÃO EM MIRAGAIA — INUNDAÇÃO DO CAES DA RIBEIRA, PASSAGEM IMPROVISADA DA RUA DE S. JOÃO PARA CIMA DO MURO.

(Clichés de Pereira Cardoso)

escriptos de dogmatica ou de moral, prohibidos na sua maior parte na Russia, mas sabendo á luz em Genebra e em Londres, ou contos para os camponeses e para o povo, que uma sociedade de ensino popular *A Intermediaria*, espalha profusamente á razão de 10 réis cada exemplar, com os titulos: — *O que é a felicidade?* — *O que se ha de fazer?* *A arte e a sciencia* — *As mulheres* — *O dinheiro* — *Tradução dos Evangelhos* — *De que vivem os homens* — *Dois velhos* — *Onde está o amor está Deus* — *Os dois irmãos e o ouro* — *O pescador arrependido*, e outros em que o maravilhoso apparece como concessão necessaria aos gostos do publico a que se destinam.

A prophesia de Turguenief não se realisou, pois que em 1886 Tolstoi publica duas obras primas: *Morte de Ivan Iltich* e *Poder das trevas*. Volta á vaidade das letras, mas regeita o dinheiro que ellas lhe podiam proporcionar. Em 1890 apparece a *Sonata de Kreutzer*, a que se seguem: *Fructos da sciencia* (comedia), *A salvação está em nós*, *Senhor e servo*, *O que é a arte?* Em 1889 surge uma obra prima — *Resurreição*, e em 1904-1905 apparece um livro extraordinario, admiravel, cheio de modestia e de boa-fé, livro que não tem equivalente em nenhuma litteratura, sob o titulo de *Cyclo de leitura*, e com o sub titulo de *Pensamentos de diferentes escriptores sobre a verdade, a vida e a conducta*. É uma especie de collecção de trechos escolhidos propositadamente para cada dia do anno, trechos originaes ou extrahidos dos Evangelhos e do Talmud, de escriptores e philosophos antigos e modernos como La Boétie, Pascal, Rousseau, Lamennais, Guy de Maupassant, Anatole France, Kant, Schopenhauer, Nietzsche, Emerson, Carlyle, Ruskin, Henry George, Mazzini e outros.

Tolstoi escreve sempre, a proposito de todos os acontecimentos que affectam a sua patria, taes como: visita dos marinheiros russos a Toulon, a primeira conferencia da Haya, a questão social, a guerra da China, a guerra do Transvaal, as derrotas russas na Manchuria, a revolução russa, revoltas agrarias, etc.

As cartas e brochuras são innumeradas, e muitas não escapam á censura que se exerce implacavel. Merece especial citação a *Resposta ao Synodo*, grito indignado de revolta, e *Não posso mais calar-me*.

Depois da sua fuga ainda escreveu um artigo notavel *Contra a pena de morte*.

Nunca se reconciliou com o Santo Synodo, que o excommungou em 1901, quando a sua attitudem para com a Igreja era a do socialista iconoclasta. Por isso lhe não foram feitas as ceremonias religiosas officiaes, que tiveram larga compensação no sentimento com que todas as classes se associaram ao passamento de Tolstoi, cuja ambição era o bem estar dos outros. A sua sepultura em Yasnaia Poliana, sob o copado arvoredo que elle proprio plantou, e exprimindo a sua vontade, é eloquente demonstração da simplicidade excessiva com que sempre viveu o grande conde Leão Tolstoi, alma de philosopho e de propheta.

Entre as varias homenagens a prestar-lhe conta-se o resgate da Yasnaia Poliana, na posse da familia, para ser dada em commum aos camponeses da região, conforme os desejos expressos por Tolstoi, cuja intuição se apercebia na *Resurreição*, romance verdadeiramente social. Pensa-se em transformar a casa de Tolstoi em museu, onde, á semelhança do *Museu de Goethe*, em Weimar (Allemanha), se reúna tudo quanto diz respeito ao grande escriptor russo.

Apesar do pouco espaço de tempo decorrido após a sua morte, as opiniões sobre Tolstoi e a sua obra vão surgindo por toda a parte, sendo agora propriamente que a critica começa a exercerse com todo o rigôr.

Enrico Ferri, por exemplo, falando dos homens de genio, classifica Tolstoi como um genio de intelligencia, em que sobressahia o genio da sentimentalidade, sendo nullo o da acção, o que fazia de Tolstoi o typo do *homem santo*, que Lombroso se propunha estudar como o *homem delinquente* e o *homem de genio*.

O *homem santo* é um typo anthropologico de temperamento mystico, e Tolstoi era mystico mesmo quando combatia na guerra da Criméa.

O seu ensino evangelico da resignação, mandando dar a face esquerda a quem já esbofeteara a direita, annulla nelle toda a acção.

Esta opinião de Ferri é sustentada por grande numero de russos que accusam Tolstoi de ter tido a pretensão de descer do seu throno de poeta para trazer ás multidões a felicidade immediata, agitando o mundo com as suas prophcias, sem offerecer ás massas nenhuma idéa de emancipação real, o mais pequeno sentimento de liberdade e de dignidade. Deu-lhes menos de nada, isto é, negações e conselhos de abnegação, o que é o cumulo do espirito reaccionario e medroso. Tolstoi fez, pelas suas theorias falsamente evangelicas, mais mal á evolução do povo russo que todas as policias do Czar e todos os Santos Synodos.

Jules Bois, que conhece de perto a vida de Tolstoi, accusa o de ter affectado as maneiras e os costumes dos humildes, embora por vezes professasse amor ardente por toda a humanidade,



CONDE LEÃO TOLSTOI

unico ponto em que se mostrou democrata. No mais foi um mystico no sentido mais chimerico. Queria a paz, chegando mesmo á deserção; pregava a castidade, indo até ao aniquilamento da raça; a simplicidade dos costumes, com retrocesso á vida selvagem; a ausencia de governo, até á anarchia. A religião que elle dizia christã, não era mais do que um narcotico budhista.

Antes da sua *crise messianica* o auctor da *Guerra e Paz* e da *Anna Karenne* havia-se affirmado artista genial e vigoroso. Aquelle romance é uma obra prima porque exprime bem a mentalidade e a sensibilidade do povo russo na litteratura da segunda metade do seculo dezenove. Tolstoi soffre o defeito dos que crêem; é um arrastador das multidões, um magnetizador; e isso porque, em lugar de demonstrar, fascina, fala ao coração, corrompe as vontades.

J. Bois chega mesmo a vêr no ultimo acto da vida de Tolstoi o reflexo das doutrinas bhudicas, que elle imitava, talvez inconscientemente. A fuga d'esse patriarca, que ficára muito joven para a emoção, e para a impulsividade, é d'algum modo calcada nos actos de muitos bráhmanes que, chegada a velhice, e segundo o conselho dado pelo livro sagrado *os Vedas*, abandonam o lar, os amigos e entram pela floresta onde vivem como anachoretas. O brahmane estuda, trabalha, casa-se, educa os filhos como os outros homens; mas a meio d'esta existencia consagrada aos deveres communs, nem por isso deixa de pertencer a Brahma, que olha por elle. O brahmane vae para Brahma quando a velhice se aproxima.

J. Bois critica acerbamente a doutrina tolstoiana que, preconizando a simplicidade dos costumes, chega a negar os beneficios trazidos pela civilização; a paz, diz elle, é um grande bem, mas o pacifismo exagerado, que vae á deserção, é, para os povos, um mal peor que a guerra; exaltar, para os laicos, para toda a gente, uma castidade absoluta, que leva ao aniquilamento da raça, supremo bem aos olhos do auctor da *Sonata de Kreutzer*, é suscitar perigosos delirios e fazer rebaixar á condição de bête todos aquelles que não possam ser anjos.

(Continúa)

J. A. MACEDO D'OLIVEIRA.

Critica e Historia

Estudos — Vol. I)

Este volume, impresso em Lisboa na tip. da antiga casa Bertrand, compõe-se de artigos que já vieram a lume no *Jornal do Commercio* d'esta cidade, até julho de 1902, accrescidos agora «com varios aditamentos» conforme o auctor declara na *Advertencia*.

Eis a ordem dos capitulos abrangidos pelo texto de 370 paginas, a que segue um indice alfabético muito claro e minucioso:

«Os Condes de Viana, D. Duarte e D. Isabel; A Ordem de Santiago; Raparigas do Cancioneiro; Garcia de Resende (Aditamentos: I. *Dois Duartes de Resende*—II. *A suposta fraternidade de Garcia e André de Resende*); A Rainha D. Leonor (Apendice: *Bens moveis e dinheiro da Rainha D. Leonor*); Traçadões na Batalha; Descendencia de D. João II; A amante; Na Batalha (Apendice: *Auto de remoção dos despojos de D. João II*); O Marramaque (Apendice); Livros; Emmenado (Apendice I. *Extractos de docs. relativos a João do Porto*—Apendice II. *Extractos de docs. relativos a Mestre João*); O Camareiro»

A estes capitulos serve de realce excellente a riqueza de sete estampas de elucidação categorica.

É provavel que, após este preambulo, os leitores queiram saber o nome do auctor, curiosidade justa que eu vou satisfazer-lhes immediatamente.

Chama-se elle Anselmo Braamcamp Freire, é director do *Archivo Historico Portuguez* e ao presente, presidente dos destinos do primeiro municipio do paiz, onde foi levado pela muita consideração que merece aos habitantes da capital, a que procura corresponder por serviços assignaveis.

O volume a que estou fazendo referencia, abre-se no lugar de honra pela seguinte dedicatória de veras significativa:

Á
Veneranda e Venerada
Memoria
de
Alexandre Herculano
no
Centenario do seu Nascimento
Dedica este Volume
O Auctor

Acabo de ler o volume com todo o interesse que me despertam os trabalhos de laboriosa investigação e de consciante escrupulo de acerto.

Ha n'elle estas duas cousas e mais ainda, um cunho inabalavel de authenticidade legitima.

O auctor só assevera em face de documentação irrefragavel.

Já conhecia Anselmo Braamcamp Freire, desde um dia em que meu primo Thomaz de Mello Breyner, no seu consultorio, ao tempo na rua Aurea, fez a nossa reciproca apresentação.

No intervallo em que o Thomaz attendia os seus clientes, nós, recenconhecidos, conversámos sobre livros e, se não me engano, sahimos todos juntos.

Não tornei a encontrar em pessoa o illustre director do *Archivo Historico Portuguez*, mas encontrei-o agora em prosa vernacula e é esta a primeira vez que tal me aconteceu.

Os titulos dos assumptos, que deixo transcriptos, devem ter revelado ao leitor que os mesmos assumptos se comportam na designação geral da obra, — *Critica e Historia*.

A figura de D. João II, a primacial envergadura de homem que tem reinado em Portugal, surge nas paginas do empolgante volume de Braamcamp Freire na absoluta proporcionalidade de um retrato perfeito, e não mais será licito a ninguem pôr em duvida que o protector e amigo de Antão de Faria, seu camareiro, de nobilissimo character e de modelar isempção, não tenha prematuramente adormecido na morte, devido a propinação de veneno.

Simultaneamente, outras figuras em que muitos andam enganados, se amostram com inteira fidelidade de typicas feições moraes, não permitindo que permaneçam em seu favor ou em detrimento excessivo, quaesquer propositadas elaborações de apparencia, a fim de captar-lhes maior numero de sympathias e adherencias.

Pertencem a semelhante especie as da viuva do immortal agonisante de Alvor e do feliz coroado que de duque de Beja ascendeu á realza.

N'este particular, o auctor apuro a verdade

completa dos factos, esmiuçou, esgotou a matéria.

Honra lhe seja, e oxalá elle consiga dar á estampa, como indica mais ou menos no texto do presente volume, a obra em que tenciona mostrar-nos D. João II, a toda a luz do esplendor enxerguível do seu reinado insigne.

Reclama-se a erudição consummada e a penna firme do auctor de *Crítica e Historia*, para pôr a limpo diante dos olhos de todos, o quadro complexo d'aquelles tempos de que nos afastam seculos, e a acção eficaz do imperante na vida nacional, que, sem ella, houvera por ventura baqueado.

Tudo o mais que o volume encerra tem preciosa valia de lição communicativa e de compendioso manual.

Quizera eu, que não existissem analfabetos em Portugal e que todos os portuguezes realisassem a sua respectiva leitura com animo de aproveitar praticamente os altos testemunhos ali registados.

Melhor avisados se patenteariam, e não é presumível que quizessem auxiliar por glacial indiferença, os planos e conlujos alheios á causa publica e ageitados ao bom exito de ambições inconfessaveis, que para nós se traduzem na incerteza do dia de amanhã, nebuloso e ameaçador!

Aqui termina o que me propuz exprimir em letra redonda, ácerca do volume *Crítica e Historia* que accentuou no meu espirito o pleno convencimento de que existem entre nós, no meio actual, preclaros obreiros do edificio historico, da tempera e talvez dos quilates do austero solitario de Val-de-Lobos.

Parece-me escusada uma observação que vou inserir; mas consinta-se-me a liberdade que tomo: não gosto de lisonjas nem costume fazer uso d'ellas. Digo o que sinto quando escrevo, ou calo-me, e abstenho da penna.

Obedeço a este criterio, n'este momento, felicitando com todo o calor do meu entusiasmo, possível em quem tem lucto preduravel no coração, o escriptor intemerato que assim desenterra dos esconchos do passado o unico thesouro util para a consciencia da posteridade, — a Verdade historica!

Verum id quod est, conforme definia e sustentava um dos mais singulares doutores da Igreja primitiva.

30-9-910.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

NECROLOGIA

Duque de Palmella

A 24 de novembro findo, faleceu na vila de Cascaes este ilustre titular, viuvo da muito nobre Senhora Duquesa de Palmella, que o precedeu no tumulo ha pouco mais de um anno (1), e cuja falta é, e por largo tempo será sentida na sociedade portugueza.

Antonio de Sampaio e Pina de Brederode, feito duque de Palmella em sua vida, por decreto de 15 de abril de 1863, dia de seu casamento com a duquesa do mesmo titulo, era uma das figuras mais distintamente nobres e simpaticas do nosso tempo, pois tanto se impunha pela gentilza do seu porte, como pelos dotes de espirito e de coração devotado ao bem e a todas as iniciativas generosas.

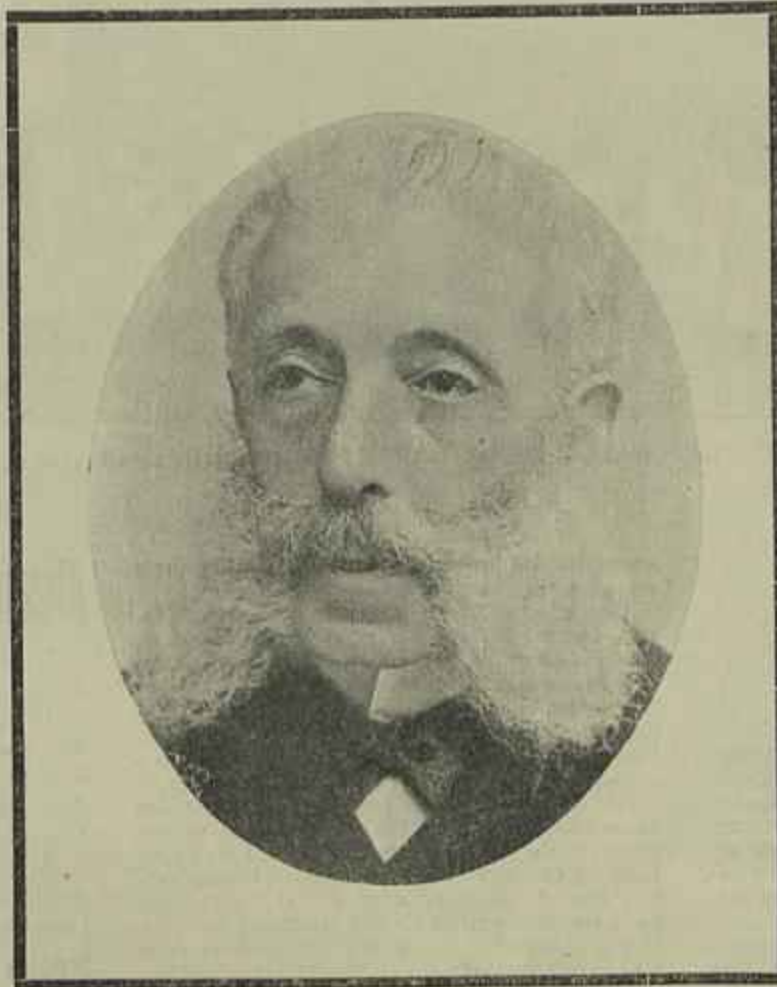
Filho do primeiro visconde da Lançada, nasceu em Lisboa a 8 de janeiro de 1834. Assentou praça de aspirante de marinha a 12 de março de 1847 e sendo promovido a segundo tenente em 1854, foi voluntariamente servir na marinha de guerra inglesa, embarcando na nau *Prince Regent*, indo tomar parte na guerra da Russia. Passou depois para a nau *Neptune*, servindo ás ordens do almirante Corry, pelo qual foi elogiado como encarregado dos sinais das esquadras e por fim pas-

sou á fragata *Arrogant*, tomando parte nos ataques feitos ás fortalezas russas de Bomarsund, Frederickshan, Viborg e Sweaborg, durante esta celebre campanha, sendo oficialmente louvado por seu valor e brioso comportamento.

Terminada a guerra, voltou á marinha portugueza, embarcando na corveta *Bartolomeu Dias*, ás ordens do então infante D. Luis, que sempre acompanhou, até á sua subida ao trono, por morte do rei D. Pedro V.

Aclamado D. Luis I, este o nomeou seu ajudante por decreto de 20 de novembro de 1861, e assim foi seguindo postos na marinha.

Casando em 1863 com a senhora duquesa de Palmella, foi-lhe conferido o mesmo titulo, como



DUQUE DE PALMELLA

ficou dito, e nessa conformidade lhe foram dadas as honras de official mór da casa real e capitão da guarda dos archeiros. Por carta régia de 23 de fevereiro de 1864, nomeado par do reino. Desempenhou tambem a alta missão de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario á corte de Espanha. Condecorado com diferentes ordens nacionais e estrangeiras, entre estas a da Legião de Honra.

Dedicou-se o duque de Palmella com grande amor á conservação e aumento da já rica biblioteca da sua casa, seguramente a mais importante das bibliotecas particulares do país, no pafacio do Lumiar, e para isso não só encarregou o intelligente bibliófilo e conservador da Biblioteca Nacional, Rebello Trinda le, ao presente falecido, de catalogar todas as obras daquella biblioteca, como mandava arrematar, nos leilões de livrarias que se vendiam, os melhores exemplares de livros raros de autores portuguezes, por mais elevado que fosse o preço a que subissem.

Deste modo mais enriqueceu a sua biblioteca, onde aliás já se encontravam verdadeiras preciosidades bibliograficas e manuscritos da maior importancia dos tempos do primeiro duque e notavel estadista.

Como grande patriota que era, o ilustre estinto interessava-se especialmente pelos descobrimentos dos navegadores portuguezes e por tudo que respeitava a nossos dominios de além-mar. Neste sentido encarregou o erudito e consciencioso investigador de documentos para a historia patria, o general de brigada reformado sr. Jacinto Ignacio de Brito Rebello, antigo e apreciado colaborador desta revista, de lêr e coordenar varios manuscritos, no arquivo nacional da Torre do Tombo, como notavel paleografo que é, e ha mais de

trinta annos se dedica a estes trabalhos com bellos resultados para a historia.

Uma parte do resultado do trabalho de que foi encarregado pelo falecido duque, appareceu em primorosa edição de um livro publicado em 1903, cujo titulo é o seguinte:

Livro de Marinharia — Tratado da agulha de marear de João de Lisboa — Roteiros, sondas e outros conhecimentos relativos á navegação — Códice do seculo XVI, que pertenceu á livraria do falecido Marquês de Castelo Melhor em cujo catalogo de manuscritos tinha o numero 254, adquirido no respectivo leilão pelo ex.^{mo} sr. Duque de Palmella e a expensas suas publicado — Copiado e coordenado por Jacinto Ignacio de Brito Rebello, etc.

Não o interessavam menos os progressos das artes do seu país, sendo dos primeiros a visitar as exposições dos artistas, onde sempre adquiria uma ou outra obra de arte, com que muito os animava a progredir.

Não podemos esquecer a honra que o falecido duque de Palmella dispensou ao Occidente, sendo não só um dos primeiros nomes que appareceram na lista de assignantes desta revista, mas ainda as visitas que uma e outra vez fez a esta redação e a nosso atelier, surpreendendo-nos na faina de nossos trabalhos e interessando-se pelos progressos que iamos realisando, quando tão ousadamente nos abalançamos a esta ardua empresa.

Os seus sentimentos patrioticos afirmaram-se, não só em tudo que concorresse para os progressos da sua patria, como para honrar a memoria dos que mais a honravam. Bastará citar a parte ativa que o duque de Palmella tomou na elevação do monumento ao marquês de Sá da Bandeira, para o qual concorreu com a maior quota e com a sua direcção. O mesmo aconteceu com o monumento levantado a Sousa Martins.

Por ocasião do ultimatum do governo inglês, todos estarão ainda lembrados da attitude patriótica que tomou, assim como do grande auxilio que prestou á subscrição nacional, que então se abriu, para compra de navios de guerra.

O seu coração caritativo ficou bem revelado na protecção que sempre dispensou á Sociedade das Casas de Asilo da Infancia Desvalida de Lisboa, de que era presidente e um dos mais desvelados protectores das creanças.

Presidia de facto a esta benemerita instituição, comparecendo a todas as reuniões da direcção, em que tinha por secretario Simões Margiochi, outro devotado á causa dos infelizes.

Estes asilos ministrando instrucção, educação e alimentos a milhares de creanças, mereciam ao nobre estinto sua maior dedicação, revelando quanto amor este tinha pelos humildes.

Com tão nobres sentimentos não admira que em suas ultimas disposições, em carta, deixasse a vontade de que seu funeral fosse quanto possível modesto, disposição que foi respeitada, sendo o feretro conduzido num simples carro preto de columnas, apenas acompanhado por parentes e alguns poucos amigos mais intimos, além do pessoal de sua casa.

Que descanse em paz.

C. A.

O MEZ METEOROLOGICO

Novembro 1910

Barometro. — Max. altura 771^{mm},8 em 19.
 Min. > 750^{mm},2 em 4.
Termometro. — Max. altura 19^o,6 em 1.
 Min. > 6^o,8 em 20.
Chuva — 125^{mm},4 em 16 dias.
Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 7 dias.
 Nublado 19 dias.
 Encoberto 4 dias.
Vento dominante — N.

(1) Vidé OCCIDENTE vol. XXXII de 1909, n.º 1106, pag. 202.



TEATRO NACIONAL ALMEIDA GARRETT — UMA CENA DO «NOVENTA E TRÊS»

Teatro Nacional Almeida Garrett

O Noventa e três

A empresa artística do teatro Nacional Almeida Garrett, por agora em cena com bom êxito o notável drama de Victor Hugo e Paul Maurice, *O 93*, em tempos representado no antigo teatro da Rua dos Condes, sob a direção do grande artista Carlos Santos (*Santos Pitorra*), que o ensaiou, sendo a tradução do falecido escritor teatral Salvador Marques.

O êxito que a peça teve então não ofuscará o que ella está tendo hoje, quer pelo arranjo que lhe fez agora o já bem conhecido escriptor dramático sr. dr. Augusto de Castro, quer pelo des-

empenho dos artistas e *mise-en-scene*, em que a empresa pôz todo o cuidado.

De facto, o grande poeta do século XIX, o famoso autor dos *Miserables*, do *Roi s'amuse*, da *Notre Dame*, de todas essas prodigiosas obras que fazem a gloria do seu autor e da França, teve agora feliz interpretação do seu drama *O 93*, fazendo reviver as paginas extraordinarias da historia franceza, empolgando as plateias com a acção excepcionalmente dramatica desta peça.

No desempenho dos principaes papeis, todos os artistas capricham em dar o maior relevo, principiando por Augusto de Mello, Luis Pinto, Joaquim Costa, Pato Moniz, Ignacio, Carlos Santos, filho do glorioso actor, etc. O desempenho por parte das actrizes Cecilia Machado, Motilli e Maria Mattos, tambem concorre para o êxito que a peça está obtendo, devendo mencionar-se o trabalho de cenografia das novas cenas pintadas por Augusto Pina e Salvador.

Almanach Illustrado do OCCIDENTE PARA 1911

Já está publicado e á venda em todas as livrarias este magnifico aunarario dos principaes acontecimentos do anno de 1910 incluindo a Proclamação da Republica, com illustrações, etc.

A capa, a cores, representa um episodio da Batalha do Bussaco, cujo se passou em 1910.

Preço 200 réis — Pelo correio 220

EMPRESA DO «OCCIDENTE» — LISBOA

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar **com medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia.

Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ.

Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**

Vierling & C.^a

Abriram o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106

17, Rua Augusta, 19

Negociam em Cambios, Papeis de Credito, Coupons, Ordens de Bolsa e Loterias.

Telephone. 2873

Endereço. Fundos.

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.^a

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'esto atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1. (á Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815



CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis